

Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião

Alexandre Brasil Fonseca*

Sinopse

Com base em "survey" aplicado entre 935 evangélicos de 24 denominações da região metropolitana do Rio de Janeiro constatamos a preferência dos fiéis por livros identificados como pertencentes à doutrina da Confissão Positiva e pelo programa de televisão *De Bem Com a Vida*, apresentado pela episcopisa Sônia Hernandes da Igreja Renascer em Cristo. A partir do conteúdo destes livros, da observação sistemática do programa e do acompanhamento de reuniões da Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (AREPE) apontamos a existência de processo de sincretismo, em que práticas usuais da Nova Era adquiridas na experiência profissional são introduzidas na prática religiosa de determinadas igrejas evangélicas. Concluímos, apontando uma possível relação entre o crescimento dessas igrejas e o aumento do número dos que se declaram "sem-religião", segundo levantamento do Censo do IBGE nos últimos 50 anos.

Palavras-chave: Sociologia da religião; secularização; nova era; evangélicos; mídia.

Abstract

Based on a survey conducted among a group of 935 evangelicals from 24 denominations in the metropolitan area of Rio de Janeiro, we could notice a clear preference on the part of the faithful for books identified as belonging to the doctrine of positive confession, as well as for the TV show *De Bem Com a Vida*, presented by Bishop Sônia Hernandes (Igreja Renascer em Cristo). On the basis of an analysis of the contents of those books, a systematic observation of

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina; doutorando em sociologia na Universidade de São Paulo-USP; pesquisador bolsista do projeto *Currents in World Christianity* da Universidade de Cambridge, Reino Unido.

the above mentioned TV show; and a participation in meetings of the Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (AREPE), we were able to substantiate the existence of a process of syncretism in which practices common to the New Age movement, acquired through professional experience, are introduced in the religious life of certain evangelical churches. We came to a conclusion by highlighting a possible relation between the growth of these churches and the increased numbers of those who declare to be "religionless" according to statistics taken from the IBGE Census in the last 50 years.

Key Words: Sociology of religion; secularization; New Age; evangelicals; mass media

In the subconscious God presides with His illimitable power. If you are allowing yourself to be defeated, practice thinking confidently and focus your thoughts on God. This inward power, this power of God within you, is so tremendous that under stress and in crises people can perform the most incredible feats.

(Norman Vicent PEALE, autor do livro
O poder do pensamento positivo)

A Nova Era é definida como um movimento não organizado, que acontece mundialmente neste final de século, caracterizando-se pela adoção de uma série de sistema de crenças, advindos de outras religiões ou organizações.¹ Para Heelas "a melhor maneira de encarar a Nova Era é vê-la como um conjunto de caminhos, que representam variações (algumas muito diferentes) sobre o tema da religiosidade do eu",² onde também se desenvolve uma série de práticas terapêuticas. Suas características se difundem por todo o campo religioso, e no dinâmico processo de disputa por fiéis a ascendência da Nova Era acaba influenciando o campo com semelhanças no seio de outras crenças e religiões.

Estariam os evangélicos - principais críticos da Nova Era juntamente com os carismáticos católicos - criando, adaptando e recodificando ensinamentos dela em suas práticas cotidianas? Que efeitos isso traria para o campo religioso brasileiro neste final de século? Nosso objetivo neste artigo é discutir as relações do crescimento evangélico com a adoção por parte desse grupo de uma "religiosidade do eu" e as conseqüências dessa união com o aumento em nosso país dos que se afirmam como "sem religião".

1 Jean HERIOT, El estudio de la Nueva Era en los Estados Unidos, p. 59. [Para referências bibliográficas completas destes e dos demais títulos, cf. as Referências bibliográficas no final do artigo].

2 Paul HEELAS, A Nova Era no contexto cultural, p. 18.

1 Uma Nova Era evangélica?

Um primeiro elemento que parece confirmar a adoção por parte dos evangélicos de elementos da Nova Era se refere ao hábito de leitura dos fiéis no Rio de Janeiro. Livros relacionados à doutrina da Confissão Positiva ocupam destaque nas preferências dos leitores evangélicos. Entre junho e outubro de 1996 entrevistamos 935 evangélicos de 25 denominações na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para uma pesquisa sobre os usos e efeitos da mídia no cotidiano dos fiéis. Ao todo foram citados espontaneamente 120 obras por 350 pessoas (37%) que afirmaram terem lido recentemente.³ Na Tabela 1 reproduzimos os 15 títulos mais citados.

Tabela 1
Livros mais lidos

Livro, Editora	Autor	Citações
Bênção e Maldição, Betânia	Jorge Linhares	13
O Nome de Jesus, Graça Editorial	Kenneth Hagin	9
Neste Mundo tenebroso, Vida	Frank Perreti	5
O Perfil da Mulher de Deus, Gráfica Universal	Edir Macedo	5
A dose mais forte, Gráfica Universal	Renato Maduro	5
Autoridade Espiritual, Vida	Watchman Nee	3
Cama Curta, Vinde	Caio Fábio	3
A Cruz e o Punhal, Betânia	David Wilkerson	3
Curai enfermos, expulsai demônios, Graça Editorial	T. L. Osborn	3
Ei, Deus!, Vida	Victor Foglio	3
O Fator Oração, Juerp	Fippit	3
Nos seus Passos o que faria Jesus, Juerp	Sheldon	3
Manancias no Deserto, Betânia	Chapman	3
Namoro, Noivado e Casamento, Sepal	Jaime Kemp	3
O Perfil do Homem de Deus, Gráfica Universal	Edir Macedo	3

Fonte: Fonseca, *Evangélicos e mídia no Brasil*, 1997.

³ Ao perguntarmos “qual foi o último livro de autor evangélico que leu”, 88 pessoas responderam a Bíblia ou um de seus livros - este, portanto, é o livro mais lido. Essa resposta não foi considerada, já que nossa intenção era aferir o prestígio de autores contemporâneos. Nosso critério foi o de colocar aqueles livros citados mais de uma vez e que tenham sido citados em igrejas diferentes, muitos livros em uma mesma comunidade local foram citados duas vezes, provavelmente um amigo que empresta para outro, a esposa que lê antes do marido, o professor da Escola Bíblica Dominical que indica, etc.

O livro *Bênção e Maldição* foi o mais citado, “livro de bolso” que em suas 52 páginas mostra como as pessoas devem fazer para não trazer maldições para si e seus familiares a partir daquilo que falam. Interessante notar que o livro de Hagin, o segundo mais citado, também caminha num sentido semelhante ao livro do pastor Jorge Linhares. Hagin desenvolve como a citação do “nome de Jesus pode fazer maravilhas”. Juntamente com o livro de Gosset (“Há poder em suas palavras”), que foi citado duas vezes, temos uma tríade bastante interessante, que reflete uma expressiva preferência de leitura entre os evangélicos no Grande Rio.⁴

Buscamos então uma classificação para os livros em tipos distintos. Formulamos 16 grupos entre os quais, na Tabela a seguir, aparecem nove tipos.⁵ Por “Vida Cristã” pensamos em livros que buscam, a partir de diferentes instrumentais, oferecer questões práticas para a vida cristã. Quase todas as obras de Caio Fábio e Edir Macedo foram incluídas nesse grupo. Colocamos sob o nome de “Confissão Positiva” aqueles que abordam como a fala pode ajudar a “abençoar as pessoas”. Temos também livros de testemunhos/biografias; psicológicos que tratam de relacionamentos não-sexuais; apologéticos (sobre muçulmanos, adeptos de religiões mediúnicas etc.); devocionais, estruturados com leituras diárias para a reflexão pessoal; de Batalha Espiritual; da Teologia da Prosperidade, e relacionados à sexualidade. Abaixo, na Tabela 2, apresentamos por denominação⁶

4 Lista publicada pelo jornal *Novas*, seção *Prazer de Ler*, de fevereiro de 1997, dá o seguinte ranking para os livros evangélicos a partir das vendas: *Bênção e Maldição* em segundo lugar [há oito meses na lista] e *Há Poder em Suas palavras* em terceiro lugar. Em uma sondagem informal na livraria *Vinde* do Rio de Janeiro o vendedor citou como os mais vendidos: “Há poder em suas palavras” e “Bênção e Maldição”.

5 Os outros grupos incluem: livros de ficção, livros de estudo bíblico; livros históricos; livros relacionados a missões; livros teológicos; livros escatológicos e livros contrários a Teologia da Prosperidade.

6 De posse da distribuição, por denominação e geográfica, dos evangélicos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro - mapeada pelas pesquisas “Novo Nascimento” (cf. ISER, *Novo Nascimento*) e Censo Institucional Evangélico (cf. Rubem C. FERNANDES, *Governo das almas*) -, escolhemos igrejas que representassem essa distribuição, constituindo nossa amostra de forma qualificada. Abranger a diversidade evangélica presente nas igrejas chamadas pentecostais, históricas e renovadas era um desafio. Em nossa pesquisa seguimos a divisão, em seis grandes grupos, adotada pelo Novo Nascimento: Convenção Geral das Assembléias de Deus (Assembléia: 31%); Convenção Batista Brasileira (Batista: 18%); Igreja Universal do Reino de Deus (Universal: 15%); Outras Igrejas Históricas (Históricas: 12%); Outras

os tipos de livros mais lidos - as células marcadas referem-se aos que se destacam por denominação. Os livros do tipo “Vida Cristã” ocuparam em todas o primeiro lugar

Tabela 2
Tipos de livros mais lidos por denominação (%)

Tipos de Livros	Assembléia	Batista	Universal	Histórica	Pentecostal	Renovada
Vida Cristã	30,7	28,7	63,5	27,0	34,4	21,8
Confissão Positiva	8,0	8,2	1,1	7,9	13,8	-
Psicológicos	3,0	13,5	-	13,4	5,2	6,4
Sexo	5,0	6,8	5,4	4,5	-	6,4
Batalha Espiritual	3,0	5,4	5,4	3,0	3,4	10,6
Testemunhos	6,9	-	-	1,5	3,4	6,4
Teol. da Prosperidade	-	-	1,1	-	5,2	4,3
Devocionais	5,0	1,4	-	6,0	3,4	4,3
Apologéticos	1,0	5,4	3,3	1,5	3,4	6,4

Fonte: Fonseca, *Evangélicos e mídia no Brasil*, 1997.

Entre os entrevistados 25% leram livros de “vida cristã”, 7,5% “livros psicológicos”, 6,7% livros de “Batalha Espiritual” e de “Confissão Positiva”, 4,3% livros sobre sexualidade, 4,2% biografias e testemunhos, e 4% “livros devocionais” e relacionados à “Teologia da Prosperidade”. As obras de Macedo, lidas por 63% dos fiéis da Igreja Universal, são um problema de classificação à parte, já que, além de práticos para a vida cristã, neles estão embutidos ensinamentos que podem ser classificados de Confissão Positiva ou da Teologia da Prosperidade, com baixos percentuais dentro da igreja, fato que, contudo, não indica que esses ensinamentos não aconteçam no interior da denominação. No caso temos apenas pouquíssimos fiéis que adquirem livros fora do escopo de opções, e mais facilmente classificáveis, da Gráfica Editora Universal.

Igrejas Pentecostais (Pentecostais: 15%); e Igrejas Históricas Renovadas (Renovadas: 9%). Igrejas Históricas referem-se àquelas fundadas até final o século XIX por intermédio do trabalho de missionários estrangeiros; as Igrejas Pentecostais constituem-se daquelas denominações aonde se acredita na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo e as Igrejas Renovadas são resultado de divisões - devido a adoção de uma liturgia e doutrina pentecostal - em igrejas históricas, ocorrem a partir de meados do século [cf. Alexandre Brasil FONSECA, *Evangélicos e Mídia no Brasil*, p. 19-43]. A divisão nesses grupos tem como principal objetivo viabilizar comparações.

Também é curiosa a preferência dos históricos (inclusive batistas) por livros que tratam de relacionamentos não-sexuais (livros psicológicos). Nas igrejas dessas denominações essa opção ocupa a segunda colocação. Sua boa colocação também entre os fiéis das igrejas renovadas aponta a existência de um processo entre as classes médias de unir fé e psicologia na busca de encontrar respostas para os problemas do dia a dia.

Chama atenção a preferência por livros de Confissão Positiva⁷ entre as denominações. Sua origem é apontada no “Word of Faith”, movimento liderado por Kenneth Hagin e seu seminário Rhema. As origens, contudo, vêm de meados do século XIX, nos Estados Unidos. Sua gênese pode ser encontrada na cidade de Boston, onde Phineas Parkhurst Quimby, um autodidata em tratamento de neuroses, realizou “leituras esotéricas e longas meditações acerca das inclinações subjetivas, privadas”⁸ para tratar de seus pacientes por meio de cura mental.

O primeiro livro dessa linha foi produção de um ex-paciente de Quimby: o reverendo Warren Evans publica em 1869 - três anos após a morte de Quimby - *The Mental Cure*, indicando a origem desse movimento nas produções que tratam de “Cura Mental” (*Mind cure*). Mary Baker Eddy, também paciente de Quimby, desenvolveu seus ensinamentos e fundou uma nova religião, a Ciência Cristã. Vários outros seguidores continuaram esse legado, com uma série de livros publicados nos anos seguintes. Esses trabalhos dão bem a idéia da lógica presente: *Power of Will* (que em quinze anos vendeu 600.000 exemplares, lançado em 1906), *The Secret of Success, Every Man a King*.

Em 1925 Bruce Barton lança o livro *The Man Nobody Knows*, no qual Jesus Cristo é apontado como o “primeiro grande executivo”, o “primeiro grande anunciante” e o “fundador da forma moderna de comércio”. Barton vê em Jesus o modelo de executivo e tem em seu livro um grande *best-seller*, além de ter

7 Don Gosset, no livro *Há poder em suas palavras*, afirma: “Louvado seja Deus, é verdade que, se você crê no que está dizendo, você recebe o que você diz. Se você diz: Não posso pagar minhas contas, por exemplo, você não será capaz de pagar suas contas ainda que a Palavra de Deus diga que o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades (Filipenses 4:19). Mas se você mudar, sua maneira negativa de falar (ou pensar), com base na promessa de Deus de dar o suprimento, você receberá o milagre financeiro de que está precisando”.

8 Donald MEYER, *The Positive Thinkers*, p. 34.

lançado sobre a Bíblia o livro *The Book Nobody Knows*. Mas é em 1952 que chega às livrarias o grande inspirador e centro dessa doutrina, quando o pastor Norman Vicent Peale publica *The Power of Positive Thinking*. O livro de Peale vendeu milhões de exemplares por todo o mundo, e permaneceu entre os mais vendidos, ininterruptamente, por dois anos nos Estados Unidos. O autor de *O poder do pensamento positivo* tornou-se figura pública nesse país, aparecendo cotidianamente em jornais, programas de entrevistas e revistas.⁹

Nascido dois anos antes do lançamento do primeiro livro de Peale (*Art of living*, 1937), um fracasso de vendas, Oral Roberts¹⁰ lançou em 1955, então com vinte anos, seu primeiro livro com o sugestivo título *God's Formula for Success and Prosperity*. A fama da Confissão Positiva difundiu-se entre os evangélicos americanos¹¹ com a divulgação providenciada por Roberts e Schuller, entre outros líderes da *Igreja Eletrônica*, além do trabalho desenvolvido por Hagin - que apesar de não ser um dos pregadores eletrônicos também foi um grande responsável pela disseminação e popularização dessa doutrina, à qual teve acesso por meio dos livros de Essek William Kenyon, lidos a partir da década de 1970, o qual também passou pelas mãos de Quimby.

Hagin já foi acusado de plagiar trechos inteiros de Kenyon em seus livros. Sua argumentação é que, por gostar tanto desse autor, o costuma "citar livremente".¹² No prefácio de seu livro *O nome de Jesus* inicia afirmando sua inspiração nos livros do Kenyon e sobre o livro *The Wonderful Name of Jesus* chega a sugerir: "Aconselho você a adquirir um exemplar desse livro, é conhecimento pela revelação. É a Palavra de Deus."¹³

Peça-chave nesse processo também é o reverendo Robert Schuller. Com muitos livros publicados no Brasil, Schuller é pastor da Igreja Reformada, a mesma de Peale. Sobre ele Assmann

9 Ibid., p. 264.

10 Roberts gostava de afirmar: "The Lord has plenty money. The Lord needs people. If I can get the right people, the Lord will supply the money. He knows where it is." (In: MEYER, *The Positive Thinkers*, p. 41).

11 MEYER, *The Positive Thinkers*, p. 261, aponta que, com o sucesso, as implicações religiosas do discurso de Peale "acabaram evaporando".

12 Kenneth HAGIN, *O nome de Jesus*, p. 9.

13 Ibid., p. 7.

aponta que “cultivou amizade e sofreu profunda influência de Norman Vicent Peale, cujas idéias (...) receberam dele novos adornos de citações bíblicas (...) editou uma Bíblia com os destaques próprios para o caso: sua famosa *Possibility Thinker's Bible*”.¹⁴ No Brasil foram traduzidos alguns de seus títulos que tratam de questões relacionadas ao pensamento positivo.

É exatamente dentro dessa linha de pensamento que alguns autores apontam a gênese das colocações sobre prosperidade da Nova Era. Heelas mostra que seria “interessante comparar as doutrinas de prosperidade da Nova Era com os ensinamentos análogos na esfera do cristianismo”.¹⁵ Ponto inicial da Teologia da Prosperidade evangélica é a crença na Confissão Positiva, inicialmente mais difundida por Peale e depois assumida por Hagin, Roberts, Schuller e todos os outros pregadores eletrônicos. Dessa fonte também bebeu o médico neurolingüista Lair Ribeiro.

Essa vertente da Nova Era dedica-se à pregação e ao incentivo da prosperidade financeira. Como aponta a fala de um de seus teóricos citado por Heelas: “Ter uma consciência de prosperidade permite que você atue com facilidade e sem esforço no mundo material. O mundo material é o mundo de Deus, e você é Deus sendo você. Se você está experimentando prazer, liberdade e abundância na sua vida, então você está exprimindo sua verdadeira natureza espiritual. E quanto mais espiritual você se torna, mas prosperidade você merece.”¹⁶

Na escolha dos livros feita pelos fiéis podemos perceber em que nível se encontra a aceitação dessas teorias entre os evangélicos cariocas, já que grande parte das obras citadas incentivam e ensinam como “declarar coisas boas”. Livros como os de Hagin, Gosset e Linhares obtiveram uma significativa aceitação nos diferentes grupos eclesiais, indicando uma preferência que merece ser estudada em profundidade. Quais os efeitos dessa doutrina na comunidade evangélica? O que ela representa atrelada à difusão da Teologia da Prosperidade?

A preocupação com saúde, prosperidade e a “valorização do eu” são elementos que caracterizam a Nova Era e que são per-

14 Hugo ASSMANN, *A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina*, p. 54.

15 HEELAS, *A Nova Era...*, p. 31.

16 Phil LAUT, apud HEELAS, *A Nova Era...*, p. 21.

ceptíveis em vários espaços religiosos e seculares. É possível resgatar uma origem cristã para a Nova Era a partir dos *positive thinkers*,¹⁷ como vimos acima, mas encontramos também nos atuais modelos evangélicos uma série de similitudes que nos permitem apontar a existência de uma “Nova Era evangélica”.

Peculiar exemplo dessa Nova Era evangélica seria o programa da episcopisa Sônia Hernandez da Igreja Evangélica Renascer em Cristo. Na busca de estar de bem com a vida, ela fala sobre cura, prosperidade e salienta a importância de se viver uma *religião do eu*: “Segredos, segredos espirituais, de como estar bem com a família, de como ser bem-sucedido nos negócios e de como estar equilibrado interiormente. É isso que a gente passa para você no ‘De Bem Com a Vida’, porque com essa esperança que vem de Deus não tem quem segure a gente.”¹⁸

R. R. Soares e Valnice Milhomens possuem uma teologia explicitamente mais próxima à de Hagin, contudo é no programa de Sônia Hernandez onde há uma disposição e uma linguagem de classe média. Nos gestuais e vestuário há toda uma identificação com o vivenciado por grupos sociais mais bem situados na sociedade: “O movimento Nova Era, no Brasil e em outros países onde se tem desenvolvido, vem atraindo principalmente pessoas das classes médias urbanas, que apresentam afinidade eletiva com o ‘expressivismo psicológico’, na sua busca por ‘autenticidade’, ‘liberdade’ e ‘auto-aperfeiçoamento.’”¹⁹

A identificação de Sônia com uma possível Nova Era evangélica nos parece mais significativa do que com outros pregadores da Teologia da Prosperidade. A semelhança de sua linguagem com manuais de auto-ajuda é significativa, como também a utilização de termos peculiares à Nova Era, como “equilíbrio”, “positivo”, “amor”, “poder”, “sabedoria” e “energia”. O pastor pentecostal Ricardo Gondim publicou um livro no qual aponta o “Evangelho da Nova Era”, questionando duramente os ensinamentos de Hagin. O diretor do Instituto Cristão de Pesquisas Paulo Romeiro escreveu o livro *Super Crentes* onde ataca pregadores brasileiros, principalmente Valnice Milhomens, R. R. Soares e Miguel Ângelo.

17 MEYER, *The Positive Thinkers*, 1988.

18 Programa *De bem com a vida*, fevereiro de 1997.

19 Leila AMARAL, *As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade*, p. 58.

O êxito de Sônia pode ser entendido como um bem-sucedido processo de cristianização do discurso da Nova Era, que se consolida no mundo neste final do século. Utilizando-se de termos e palavras peculiares a esse grupo, Sônia atinge um perfil específico da população - o qual ainda não possui um variado número de opções no campo religioso que contemplem essas características - ao apresentar uma variante do discurso da Nova Era, dando uma roupagem evangélica a elementos desse movimento.

Ao oferecer de forma eficiente uma Nova Era evangélica, Sônia disputa, praticamente sozinha, dentro do campo religioso, uma significativa, e pouco atendida, parcela de fiéis, atingindo setores, grupos e localidades onde os evangélicos geralmente não têm amplo acesso. Seu êxito também deve ser entendido dentro da ação da Igreja Renascer em Cristo, responsável pela difusão de uma "cultura *gospel*" no Brasil, segundo a qual, por exemplo, os jovens convertidos não necessitam assumir novos gestuais e vestuário para serem evangélicos. Antigos modelos recebem nova conotação, o *white metal* substitui o *heavy metal* - mas que visual e auditivamente não possuem diferença. Certamente, não podemos esperar que esta identificação seja aceita, já que o campo religioso é eivado de disputas que exigem distinção:

Não tenho nada a ver com a Nova Era, a gente ama as pessoas que estão lá, mas a teoria é completamente maluca, absurda e improvável... com certeza não tenho nada a ver, isso é líquido e certo. O que associam ao que eu falo é a questão da prosperidade, que algumas igrejas pregam, que outras igrejas não pregam, que umas se abrem, outras não se abrem e outras combatem. Com relação à prosperidade, nós vivemos praticamos. É bíblica, não só em alguns textos, ela é bíblica de Gênesis a Apocalipse. Deus não criou o homem e o colocou numa maloca, ele o colocou no paraíso, quem fez o paraíso virar uma maloca foi o homem... A gente vê, do segundo ou terceiro capítulo de Gênesis até o livro de Apocalipse, um esforço de Deus resgatando aquilo que o homem perdeu. Prosperidade para nós não é a riqueza em si, dinheiro, só isso. Pode ser também isso, muito... A prosperidade é uma condição inteira da pessoa, de ter uma alma próspera, ter pensamento sadio, uma maneira de pensar, de enxergar as coisas, próspera. Uma maneira de se sentir próspera, que não se deixa levar por seu coração enganoso, uma maneira de viver próspera... Uma pessoa quando está bem ela tem mais visão e não é tão roubada, internamente e externamente, ela estará produzindo e

prosperando mais em tudo que estiver fazendo... Realmente, a nossa nova era começou dois mil anos atrás quando Jesus nasceu, então essa é a nova era que já começou há muito tempo.²⁰

Entre seus pares evangélicos, também há a percepção desta relação: “O pessoal da Teologia da Prosperidade, que odeia a Nova Era, não se deu conta de que eles são a versão da Nova Era no meio evangélico. Não se deram conta ainda porque não são reflexivos, então eles repetem fórmulas que dão certo, sem pensar no conteúdo dessas fórmulas, ao que estão ligadas e de onde elas vieram. Às vezes eles pensam que vieram da Bíblia, mas foram apenas ajustes bíblicos a fenômenos contemporâneos.”²¹

Chandler um jornalista evangélico americano, apresenta uma série de críticas a semelhantes processos que estão sendo introduzidos no seio das igrejas naquele país: “Técnicas de auto-aprimoramento, visualização e fantasia controlada conseguiram afetar muitas denominações protestantes, alguns círculos católico-romanos e não poucas igrejas cristãs pentecostais e carismáticas.”²²

A partir das descrições de Chandler, parece-nos haver significativas aproximações com aquilo que presenciamos nas reuniões da Igreja Renascer em Cristo, assemelhando-se aos ensinamentos de Louis Tice, consultor da *General Electrics*, da CIA, do exército, da marinha e da força aérea americana. Tice é do *Pacific Institute* e - como também Charles Krone (*Pacific Bell*) e Chris Mayer (*Sportmind*) - desenvolveu uma série de técnicas ligadas à confissão positiva para serem aplicadas entre executivos. Sobre as *declarações*, o autor destaca que a prática de declarar, de se “ver ocupando a cadeira de seu chefe” pode ser descrita como o intuito de “manipular a realidade ou evocar a aparição ou ajuda da deidade”.²³ Para o autor isso representaria um problema, já que “se a realidade pudesse mesmo ser criada ou manipulada pela visualização, isso permitiria que qualquer um fizesse o papel de Deus com o universo”.²⁴ Ainda sobre a visualização, ele escreve, citando Ron Zemke, editor de uma revista de ginástica:²⁵

20 Transcrição de entrevista realizada com Sônia Hernandes, em São Paulo, em 17/3/97.

21 Transcrição de entrevista realizada com Caio Fábio, em Niterói, em 10/4/97.

22 Russel CHANDLER, *Compreendendo a Nova Era*, p. 261.

23 *Ibid.*, p. 323.

24 *Ibid.*, p. 325.

25 Essas técnicas também são muito usadas para aumentar o potencial físico de atletas.

Ao que tudo indica, as boas novas são que alguns processos de evolução - psicotecnologias, se assim você preferir - podem servir como ferramentas eficazes para estabelecer mudanças fundamentais nas atitudes e na maneira de pensar das pessoas. As más novas... bem, são as mesmas que as boas novas: a meditação e a imaginação orientada e a "sugestopedia" e as afirmações, podem realmente ser instrumentos eficazes na transformação das pessoas... Em outras palavras, o problema bem pode ser não que as psicotecnologias da Nova Era não funcionem, mas que funcionem bem demais.²⁶

Os críticos evangélicos²⁷ indicam sérios problemas em relação à ética e às interpretações bíblicas desse grupo, apontando que às vezes a questão financeira não é o principal equívoco, mas sim as idéias antropocêntricas que estão por detrás da Teologia da Prosperidade e de seu par obrigatório, a Confissão Positiva. A pregação da Confissão Positiva é uma das fontes originárias da Nova Era, a qual os evangélicos repudiam, mas que talvez estejam participando sem saber. Como exemplificam as palavras do pastor pentecostal Ricardo Gondim:

Sabem o que é que vem acontecendo nestes últimos dias? Uma acomodação ao espírito da época. Que nós podemos chamar de "Lair Ribeirização" da fé. As palavras passaram a ter autonomia de produzir realidades em si mesmas. A fé deixou de ser uma dependência do caráter de Deus e passou a ser um poder dirigido a Deus. As orações passaram a ser decretações do que Deus tem que fazer. A submissão inverteu-se: é a de Deus ao que ele já prometeu e não de mim à vontade Dele. O dar deixou de ser um sinal de despojamento econômico e sim um investimento para se receber cem vezes mais.²⁸

O "toma-lá-da-cá" é constante nesse tipo de religiosidade que almeja para a terra todas as maravilhas que o pentecostalismo tradicional imaginava para o céu. O importante é o hoje, o agora, e esse deve ser o melhor possível, afinal os evangélicos são "filhos do rei" e foram criados, como gostam de repetir os defensores dessa teologia, para serem "cabeça e não cauda".

26 CHANDLER, *Compreendendo a Nova Era*, p. 326.

27 Para uma visão geral sobre as posições evangélicas contrárias, cf. Ricardo MARIANO, *Neopentecostalismo*, p. 181-83.

28 Rubem AMORESE (ed.), *A Igreja Evangélica na Virada do Milênio*, p. 88.

Esse antropocentrismo salientado pelos críticos evangélicos tem um espaço privilegiado para interpretação dentro da Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (AREPE) da Igreja Renascer em Cristo. Com reuniões às segundas as atividades da AREPE tomaram o espaço dos “cultos *gospel*”, grande sensação da denominação que no mesmo dia lotava seu templo-sede no bairro do Lins (SP). Agora o templo ainda permanece lotado, mas de empresários, profissionais liberais e pessoas que vão atrás das orientações do apóstolo²⁹ Estevam Hernandez, marido de Sônia Hernandez e líder da igreja, para um melhor resultado em seus negócios.

2 Profetize sobre sua Vida! A AREPE declara

“Nos dias atuais de globalização são tantas as novidades dentro do mercado, e no mercado brasileiro nós temos o Mercosul. Tantas oportunidades começam a surgir, e é necessário que nós entendamos que o mercado se torna cada vez mais competitivo... o reverso da globalização é amplo sobre o mercado e, principalmente, nas empresas do segmento das chamadas pequenas e médias empresas. Por quê? Porque a pressão de compra, a pressão de especialização é muito grande, e com a própria entrada das empresas multinacionais os preços vão caindo e o mercado vai se transformando violentamente. Como nós vamos enfrentar isso? Precisamos estar atentos porque essas mu-

29 No senso comum evangélico, os apóstolos representam aqueles que tiveram um encontro pessoal com Jesus Cristo na terra. Os doze discípulos e Paulo que viu o Cristo por meio de uma visão. A adoção do nome apóstolo é uma novidade no seio da comunidade evangélica, que geralmente causa surpresa pois é disseminada a idéia de que o apóstolo recebe a revelação de Deus. Foram os apóstolos que viram Jesus e escreveram os evangelhos. Dentro de uma hierarquia religiosa, o título certamente representaria mais *status* do também, utilizado mais recente pelos pentecostais, bispo. O primeiro a usar o nome no Brasil foi Estevam Hernandez. Estevam fez um curso de apostolado nos EUA e quando o pr. Colin Dye - pregador queniano radicado na Inglaterra (Kensington Temple) que apoia as “cruzadas de cura” do controvertido Morris Cerullo - esteve no Brasil ungiu Estevam como apóstolo, já que para Dye todo fundador de Igrejas é apóstolo. Apóstolos seriam pessoas vocacionadas para trazer estrutura e direção às igrejas, além de efetuar a unção apostólica entre os fiéis... Dye cita a Bíblia (Efésios 4:11), apontando que todos os ministérios (inclusive o de apostolado) são necessários para “que a edificação das igrejas seja completa”. Dye acrescenta “que a presença do apóstolo não significa novas revelações, a Bíblia basta” (Colin DYE, *Edificando uma Igreja Contextualizada*, p. 45).

danças na economia, essas mudanças no mundo dos negócios vão trazendo novos desafios, e aqueles que não se preocupam vão ficar para trás”. Assim começou a mensagem-palestra de Estevam Hernandes na sede da Renascer no dia 3/3/97, após trinta minutos de “boa música evangélica” e de serem recolhidas as ofertas. O tema do dia era “A unção da expansão”³⁰.

As atividades da AREPE são realizadas a partir das 19 horas das segundas-feiras. Inicialmente são feitas palestras com títulos como “Estratégias de Produtos”, “Imposto de Renda - pessoa física”. Na reunião de 17/3/97 foram abordados aspectos da legislação sanitária para estabelecimentos ligados à alimentação. A seus associados a AREPE oferece: uma bolsa de emprego que possui 1.100 profissionais catalogados (membros da igreja que oferecem seus serviços), espaços de publicidade (pagos) em publicações da entidade; a oportunidade de negociarem com outros empresários cristãos (o que é bastante incentivado) que também participam; solicitar explicações técnicas para “orientação empresarial”; além de poder pedir à “equipe de intercessão uma visita na sua empresa”. A visita serve para que o grupo da igreja possa ungir (com óleo) e orar pelos negócios.

Participar de uma reunião da AREPE é uma marcante experiência; acompanhar numa reunião cinco mil pessoas em busca de “unção para seus negócios” não é algo comum. Aproximar ou associar as práticas de Estevam Hernandes à neurolingüística não é difícil: no livro de Lair Ribeiro (*Comunicação Global* - que ganhou na segunda edição o subtítulo “a neurolingüística aplicada à comunicação”) é possível perceber, pelas questões pontuadas no seu argumento, uma origem religiosa na Nova Era:

Quando desenvolvemos o hábito de fazer solicitações ao Universo, Ele nos atende. É o caso não só das orações religiosas, quanto das ditas com fé (convicção) como também das solicitações em geral, que fazemos a outras pessoas, empresas... uma declaração (ação de declarar) bem feita, com congruência de todo o seu ser, transforma o paradigma do *ver para crer* em *crer para ver*. Quanto mais autoridade tiver sua declaração, e quanto mais concreta ela for, maior será o seu *poder de gerar ação*. Quando você gera ação, o Universo conspira a seu favor.³¹

30 Nessas reuniões Estevam “ministra unções”: unção de liderança, unção para alargar tendas, etc.

31 Lair RIBEIRO, *Comunicação global*, p. 31, 51; ênfase do autor.

Na reunião de 17/3/97, durante os quase 90 minutos em que falou, Estevam pediu que a platéia repetisse frases do tipo: “Eu sou líder, eu sou líder em Cristo Jesus”. Além de usar o termo “declarar”, Estevam pediu também para as pessoas “profetizarem”: “Profetize sobre sua vida; diga: ‘Eu quero ser um líder, a minha empresa será líder, a partir de hoje não aceito nada novo que não seja liderança.’” Nas adversidades recomendou que as pessoas declarassem: “Sou cabeça e não sou cauda, e não vou aceitar qualquer processo enganatório de satanás.” Para que as pessoas não gastassem mais energia com dívidas e problemas nos negócios convidou-as para que repetissem, com as duas mãos para o alto: “Eu fui chamado para a liberdade e não aceito nenhum jugo de escravidão.”

Além dessas repetições e de uma pregação cativante, Estevam apresenta sugestões práticas para quem vive no mundo dos negócios. Ele transmite conselhos e orientações àqueles que querem prosperar na vida: “Quem gosta de sócio gosta de luta. Se tiver que ter sócio, só se ele for remido e lavado no sangue de Jesus, mesmo assim não deva nada para ele.” Sua experiência na área é considerável, exerceu funções de marketing na Xerox do Brasil e na Itaotec, realizando cursos no exterior. Hernandes utiliza seus conhecimentos como expert no assunto ministrando até mesmo cursos para pastores e líderes sobre *marketing religioso*.³² Sua igreja é administrada por uma fundação que, além de trabalhos assistenciais, vende uma série de produtos e serviços que exploram a marca (patenteada) *Gospel*.³³

32 Para Leonildo Silveira CAMPOS, *Teatro, Templo e Mercado*, p. 193, é possível perceber “apenas na Igreja Renascer em Cristo a presença de uma estratégia calculista no uso do *marketing*” em relação às outras igrejas evangélicas. O autor cita ainda o título de apostila usado por Estevam em seus cursos: *A Igreja usando o marketing como arma espiritual, a teoria de Philippe Kotler*.

33 Cf. MARIANO, *Neopentecostalismo*, p. 88: “Aproveitando a pujança do movimento gospel, os pastores Estevam Hernandes e Antônio Carlos Abbud fundaram a gravadora Gospel Records. Outros pastores e membros da Renascer igualmente são proprietários de empresas e negócios que orbitam em torno da igreja e se nutrem da clientela de confissão evangélica. Entre elas estão: Gospel Wear, Gospel Vestibulares, Brother Simion Confecção”. Mariano indica ainda a existência de “dois serviços telefônicos nas linhas 900 da Telesp, “disquemensagem” e “disque-oração”, que debitam R\$1,20 da conta do assinante por minuto de ligação. Possui a produtora RGC, a editora Renascer e cinco livrarias. Em 1994, criou o *Gospel News*, jornal mensal da igreja. Com o faro apurado para os negócios envolvendo o crescente mercado de produtos e de consumidores evangélicos, a Fundação lançou em agosto de 1994 o Cartão Gospel Bradesco Visa, que destinará 30% da anuidade arrecada-



Entre as orientações dadas Estevam também sugere que os fiéis, todos os dias pela manhã, repitam o ritual de declarar: “Eu sou cabeça e não sou cauda. Senhor, estou caminhando para ser cabeça e não cauda.” Ao chegar à empresa devem repetir: “Minha empresa será líder no seu setor.” Como reitera, “tem que querer”. Recomenda que as pessoas se comportem como “mulher grávida, onde o centro de sua vida é seu filho”: “Fique grávido da idéia de que você é um líder”. Orienta para que também seja escrito em todos os documentos da empresa a “sua liderança”. Dá como exemplo o dólar com sua frase *In God we trust*.

Aos empregados ele diz: “Profetize todos os dias que você será líder no trabalho”. Pergunta a audiência quem possui patrão e pede que levantem a mão. Então fala que todos os dias essas pessoas devem profetizar que tomarão o lugar de seu superior. Observando a platéia Estevam vê um de seus diretores na Fundação Renascer, da qual é presidente, e diz em tom jocoso: “Mano, você pode ir baixando o braço, porque vai ser ruim Deus me tirar de lá”, para depois remendar sério: “Os desígnios de Deus não nos cabe definir.”

A reunião está chegando ao final; falou-se de negócios, vendas, prosperidade. É hora dos obreiros e pastores passarem óleo na testa dos presentes enquanto Estevam invoca o “derramamento da unção de liderança”. Ele fala em visões e revelações de Deus enquanto ora. Pede que as pessoas repitam, duas, três vezes a frase “Eu sou líder”. Com todos de pé é o momento de clímax da reunião. Após essa catarse Estevam convida aqueles que gostariam de “experimentar em suas vidas tudo aquilo que ele falou que vão à frente e aceitem Jesus como Senhor e Salvador”.

A colocação dessa proposta, tão cotidiana nas igrejas evangélicas, ao final daquela reunião se apresentou como uma readaptação e atualização da mensagem evangélica ao mundo contemporâneo. Estevam não desconhece - pela forma que encaminhou seu apelo, enquanto centenas de pessoas se dirigiam para a frente da igreja - as similaridades de sua pregação com a

da para seus projetos assistenciais”. No final de 1996 teve início o canal de televisão Gospel, em UHF para São Paulo e distribuído também por TV a Cabo, e em 1998 a Igreja assumiu duas rádios FM (Manchete Gospel - São Paulo e Rio de Janeiro).

Nova Era e as práticas que orbitam ao seu lado: “Aí fora está cheio de livros de auto-ajuda, mas nenhum deles poderá fazer o que Jesus fará na sua vida.” Esse estilo de reunião encontra na Teologia da Prosperidade a principal âncora para seus argumentos, pregação que estabelece uma religião em que o fiel desempenha papel de investidor, como escreve Prandi:

A prosperidade está aberta a todos, mas é preciso que se dê o que se tem para a igreja, quanto mais melhor, de preferência tudo. Quanto mais se dá para Deus, mais se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados pelos pastores nos cultos para a extração do dinheiro. O ato de dar dinheiro, com a certeza de que ele vai voltar, acrescido, é um gesto do investidor. Para os crentes de negócio, os pequenos empresários, os desejosos de se estabelecerem, a nova religião oferece possibilidades de progresso mais ambiciosas: é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites.³⁴

Ao apontarmos a pregação da Igreja Renascer como uma possível variante de ofertas religiosas geralmente designadas por Nova Era temos consciência que isto pode soar pejorativamente. Contudo, não podemos desconsiderar que há contaminação entre os campos culturais.

Longe de entendermos essa opção como negativa (ou positiva), o que pretendemos indicar é a forma como certos elementos culturais específicos da Igreja Renascer se estabeleceram a partir dos contatos feitos por Estevam no campo profissional quando ocupava cargos de gerência de marketing. Podemos pensar a conformação dessa Nova Era evangélica na direção que Sanchis dá para o sincretismo, o qual se caracterizaria por uma “tendência a utilizar relações apreendidas no mundo do outro para ressemantizar o seu próprio universo”. Processo que não “é próprio do campo da religião, mas estende-se ao campo genérico, da cultura”.³⁵ Elementos aprendidos na prática profissional e compartilhados na dinâmica social contribuíram na conformação da pregação da Igreja Renascer em Cristo. “Processo de sincretismo” que se torna claro, por exemplo, nas reuniões da AREPE.

34 Antônio Flávio PIERUCCI, Reginaldo PRANDI, *A realidade social das religiões no Brasil*, p. 270.

35 Pierre SANCHIS, *Pra não dizer que não falei de sincretismo*, p. 7.

3 Os Evangélicos e o crescimento dos sem-religião

No maior País católico do mundo presenciamos uma beligerante disputa por fiéis. A Igreja Católica “perde” adeptos para os pentecostais, que por sua vez satanizam os deuses do candomblé e umbanda. Em meio a tudo isso a Nova Era se torna cada vez mais evidente. As religiões brasileiras se encontram de forma acirrada na disputa desse “mercado de bens simbólicos”.

Ultimamente fala-se muito do crescimento evangélico. Pastores e bispos não poupam nas cifras e afirmam serem responsáveis pelo grupo religioso que mais cresce e que, conseqüentemente merece maior atenção e respeito do poder público e dos meios de comunicação. Uma análise do resultado dos dados dos últimos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não confirmam essa postura.

O crescimento dos evangélicos se deve a ação dos pentecostais que aumentaram 127% na última década,³⁶ mas mesmo com esse desempenho bem superior ao crescimento populacional não é esse o grupo religioso que mais cresceu. Curiosamente, em meio a todo o “reencantamento” experimentado nos últimos anos, o censo indica que o número de pessoas que se definem como “sem religião” cresceu de dois (1980) para quase sete milhões (1991), o que significa um aumento de 250% nessa década.³⁷

Isso seria a materialização de uma secularização à brasileira? Mesmo com toda a significativa presença católica, com uma “tradição subterrânea”³⁸ baseada na crença em espíritos, o crescimento pentecostal, o boom editorial de livros da Nova Era, além da consolidação de uma série de Novos Movimentos Religiosos, o grupo religioso que mais cresce no Brasil é o daqueles que se definem “sem religião”.

Concordamos com Bruce quando aponta que em situações de transição cultural - momento em que a religião assume

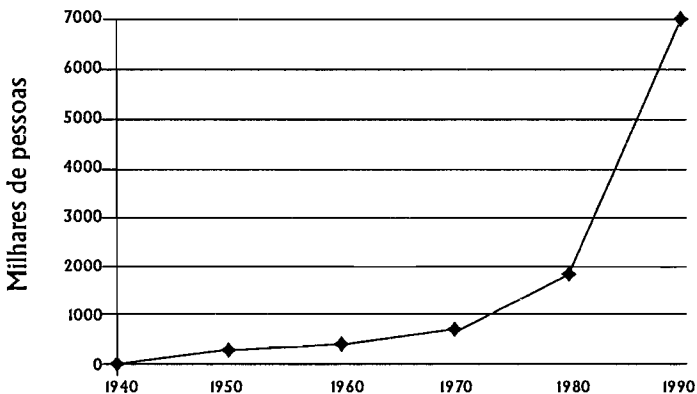
36 Os evangélicos tradicionais tiveram um aumento de 17%, o que unido com o crescimento dos pentecostais representa um crescimento de 67%. O crescimento populacional foi de 24%. Sobre os resultados de religião do censo de 1991 e para uma delimitação do campo evangélico, cf. FONSECA, *Evangélicos e mídia no Brasil*, p. 19-42.

37 Ibid. p. 34.

38 Gilberto VELHO, *Unidade e fragmentação em sociedades complexas*.

papel que vai além da intermediação entre o sagrado e o mundano - a religião encontra espaços privilegiados para estabelecer-se. As mudanças experimentadas no Brasil nos últimos 50 anos são extremamente significativas e a efervescência religiosa faz parte desse processo. Contudo, mesmo com esse ambiente propício para a prática religiosa, os dados dos censos do IBGE apontam um crescimento médio de 220% de uma década para outra dos “sem religião” entre 1940 e 1991. O Gráfico 1 apresenta o percentual dos “sem religião” a partir de informações recolhidas nos censos entre a população de 1940 até 1991.³⁹

Gráfico 1
A presença dos “Sem Religião”
na População Brasileira (1940 - 1991)



Fonte: Anuário Estatístico, 1995 (IBGE).

Com maior crescimento relativo, os “sem religião” vão se tornando cada vez mais numerosos e passam a representar significativo grupo na composição do campo religioso brasileiro. Mantido o desempenho dos anos de 1980, no ano 2000 teremos um número surpreendente: 24 milhões de “sem religião” ou quase 15% dos brasileiros. Com esse resultado os “sem religião” superariam os evangélicos (que no ano 2000 seriam cerca de 22 milhões, 13%) e se tornariam o segundo maior

³⁹ Cf. Cândido Procópio CAMARGO, Católicos, protestantes, espíritas, além dos dados do IBGE.

grupo religioso brasileiro. A observação desses dados em dias de crescimento pentecostal certamente pode causar estranheza para muitos, mas as projeções assim apontam.

Encontra-se pujante no seio da sociedade brasileira um processo de secularização, que tem dois movimentos. O lento e gradual estabelecimento de uma visão de mundo ausente da noção religiosa, o que ainda tomará um longo tempo, e a definição dos indivíduos em direção a auto-afirmação e compreensão de que podem viver “sem religião”. O que não precisa ser necessariamente lido como uma negação de Deus, mas que deve ser interpretado como diminuição da religião-de-Igreja e da interferência da religião no Estado.⁴⁰

Qual é a origem dos “sem-religião”?⁴¹ Que confissão religiosa possuíam antes de decidirem não mais seguir uma religião? Adotaremos nesse trabalho a definição de religião utilizada por Bruce, onde “religion consists of beliefs, actions, and institutions which assume the existence of supernatural entities with power of action, or impersonal powers or processes possessed of moral purpose”.⁴² A Tabela 3 nos fornece informações sobre o antecedente religioso de pessoas que se consideraram sem religião. Metade é oriunda de confissões religiosas e a outra metade nunca participou de uma religião.

40 PIERUCCI, Secularização em Max Weber, p. 49, aponta que a abordagem weberiana à tese da secularização permite “pôr à mostra de modo convincente a interface entre racionalização religiosa e racionalização legal”, a qual “implica ou supõe [...] a racionalização jurídica (...) a dessacralização do direito, e põe de pé o moderno Estado laico como *domínio da lei*.” O artigo de Pierucci explicita com detalhes as implicações e as características que demarcam o processo de secularização e o desencantamento do mundo, pontuando também as distinções inerentes aos dois conceitos.

41 Em relação a origem sócio-econômica, temos as seguintes informações a partir do trabalho de PIERUCCI, PRANDI, *A realidade social...*, p. 225: “pode-se dizer que são o grupo mais masculino, que nada menos do que 17,2% têm o mais alto grau de instrução; que 25,6% são jovens entre 18 e 24 anos; que 50,3% deles são seres metropolitanos; que sua taxa de ocupação (71,6%) é das mais altas do País; e, finalmente, que a quantidade de ‘sem religião’ com renda familiar mensal acima de vinte salários mínimos é o dobro (12,1%) do verificado para o total de eleitores brasileiros (6,3%).”

42 Steve BRUCE, *Religion in the Modern World*, p. 7.

Tabela 3
Religião Anterior dos sem-religião (%)

Religião Anterior	Sem Religião	Sem Religião (somente convertidos)
Católica	21,2	38,1
Evangélica Histórica	6,0	11,9
Evangélica Pentecostal	8,3	16,7
Espírita Kardecista	0,0	0,0
Afro-brasileira	2,4	4,8
Outra	13,1	28,6
Sem religião	-	-
Nunca mudou de religião	50,0	-
Total	100,0	100,0

Fonte: Pierucci, Prandi, 1996, p. 263-4

A participação entre os sem-religião de fiéis oriundos das igrejas evangélicas é bastante significativa, considerando o disseminado conhecimento da alta participação dos fiéis evangélicos em suas comunidades, como demonstraram as informações do ISER (1996) ou mesmo a Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios do IBGE de 1988, em que 84% afirmaram freqüentar a igreja pelo menos uma vez por semana. No conjunto dos evangélicos teríamos somente cerca de 8% de “fiéis nominais”, que não participam dos cultos ou que “freqüentam” anualmente atividades de sua religião. Já entre os católicos os “freqüentadores anuais” representam 22% dos fiéis (39% não participam), enquanto os que participam semanalmente de uma missa representam apenas 18% dos católicos.

Esses números nos remetem à discussão acerca dos “católicos praticantes”, da tensão “Catolicismo x Igreja Católica”⁴³ ou da abordagem “Catolicismo Tradicional x Catolicismo Internalizado” adotada por Pierucci e Prandi a partir de Camargo: “Dentre os católicos, a maioria ainda é constituída daqueles que aqui vamos chamar de católicos tradicionais, reunindo tanto os que freqüentam a igreja esporadicamente como os que têm freqüência regular, mas não se envolvem em movimento de renovação ou agremiações (...) de reavivamento da vida católica (...).

43 Cecília MARIZ, *Religion and Coping with Poverty in Brazil*.

Se a maioria católica é formada de católicos tradicionais, há por outro lado uma grande fatia de 13,5% de cidadão brasileiros que vivem o catolicismo a partir de reorientação pessoal por uma das diferentes modalidades de internalização ou engajamento religioso”.⁴⁴

Além da baixa frequência também temos as discordâncias no que se referem as principais doutrinas católicas, muitos fiéis desconhecem ou ignoram determinadas confissões da sua fé. O que ocasiona, p. ex., como demonstra levantamento feito por Leandro Piquet Carneiro e Luiz Eduardo Soares, que quase metade (45,9%) dos que freqüentam regularmente a Igreja Católica acreditam na doutrina espírita - negada pelo catolicismo - da reencarnação.⁴⁵

Assim, apesar de 38% dos convertidos aos “sem religião” serem católicos não nos parece produtivo apontar relações com o pertencimento ao catolicismo e o fato das pessoas optarem por negarem uma filiação religiosa. Parece-nos haver uma origem religiosa (religião-de-Igreja) “não-praticante/tradicional” desses católicos. Por outro lado chama atenção os 29% de ex-evangélicos que configuram a “clientela” dos “sem-religião”.⁴⁶

Pesquisa realizada por Gómez trabalhou com o crescimento e a deserção na Igreja Evangélica da Costa Rica.⁴⁷ Por meio de amplos levantamentos nacionais o autor encontrou uma relação entre crescimento e deserção nas igrejas evangélicas. Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup em 1989 indicou que enquanto 8,9% da população Era Evangélica, outros 8,1% já tinham sido evangélicos em algum momento de suas vidas, e em 1991 os evangélicos chegaram a 10,6% da população enquanto os “ex-evangélicos” a 12,1%. Em seu livro Gómez demonstra que cerca da metade dos egressos de igrejas evangélicas decidiu-se por não pertencer a nenhuma religião, sendo que em algumas cidades esse percentual chegou a 86%.

44 A obra de Camargo é a de 1973: CAMARGO, *Católicos, protestantes, espíritas*, cit. a partir de PIERUCCI, PRANDI, *A realidade social...*, p. 215.

45 Leandro PIQUET CARNEIRO, Luiz Eduardo SOARES, *Religiosidade, estrutura social e comportamento político*, p. 40.

46 Outro dado que merece maior investigação é a ausência de ex-espíritas entre os sem-religião. O que há entre os fiéis do espiritismo que os afasta da negação de pertença religiosa?

47 Jorge GÓMEZ, *El Crecimiento y la Deserción en la iglesia evangélica costarricense*.

A pista que nos parece mais interessante - não por uma possível capacidade racionalizante, mas pelo desenraizamento que produz - é a que relaciona o crescimento evangélico e a conseqüente pluralização do campo religioso com a intensificação do processo de secularização em nosso país. Como salientou Antônio Flávio Pierucci, "pluralismo religioso não é apenas resultado, mas *fator* de secularização crescente",⁴⁸ esse "*revival* religioso" experimentado no Brasil favorece o desenraizamento dos indivíduos da cultura tradicional (no caso católica) o que acaba por fortalecer o aumento dos que se definem como sem-religião. As pessoas percebem que é possível a mudança e se abrem a virtualidade de se quebrar vários códigos sociais, de se romper com a tradição. Dado o primeiro passo, as conseqüências se apresentam de forma variada, viabilizando potencialmente a negação de pertença religiosa, pois a mudança religiosa significa "romper com a própria biografia".⁴⁹

O Rio de Janeiro é o estado brasileiro mais secularizado. Se o percentual nacional de pessoas que se declararam "sem religião" no censo de 1991 é de 4,7%, no Rio de Janeiro esse número alcança 13,7% da população carioca. Na região da Baixada Fluminense (Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti e Belford Roxo) grandes cidades dormitórios ganharam notoriedade por sua violência, pobreza e mais recentemente pela ativa ação religiosa efetivada pelos evangélicos - a relação templos/10.000 habitantes é três vezes maior do que na Zona Sul do Rio de Janeiro ou o dobro em relação à Zona Norte/Subúrbios.⁵⁰ Confirmando essa presença, o censo de 1991 aponta que 16% de seus habitantes se define como evangélico, praticamente o dobro dos 8,6% alcançados na média nacional.

Porém o dado mais surpreendente para uma região com alta presença de fiéis e de igrejas evangélicas, além de uma Igreja Católica fundamentada na ativa e participativa experiência das Comunidades Eclesiais de Base e de uma religiosidade afrobrasileira estabelecida de forma significativa (no censo 2,1% dos moradores da Baixada declararam pertencer a Umbanda ou ao Candomblé, a média nacional é de 0,4%) é o percentual de

48 PIERUCCI, Reencantamento e dessecularização, p. 115.

49 PIERUCCI, PRANDI, *A realidade social...*, p. 18.

50 FERNANDES, *Governo das almas*, p. 171.

pessoas “sem religião”: 19,51%. Praticamente a cada cinco pessoas que transitam pelas ruas de Duque de Caxias ou Nilópolis, p. ex., você encontrará uma que nega qualquer filiação religiosa apesar de viver numa sociedade que aparentemente estaria imersa num sistema cognitivo marcado pelo sagrado.

Como se dá essa evasão religiosa senão por meio das explicações que nos oferecem a teoria da secularização? Os dados da Tabela 4 caminham nesse sentido, onde os três primeiros estados com maior percentual de “sem religião” são também os três maiores em número de evangélicos:

Tabela 4
Estados com maior percentual de Evangélicos e de “Sem religião” (%)

Estado	Evangélicos	Sem Religião
Rondônia	20,6	6,92 (2)*
Espírito Santo	17,2	6,03 (3)
Rio de Janeiro	12,1	13,74 (1)
Goiás	11,3	5,16 (7)
Rio Grande do Sul	10,8	2,92 (17)
Média Nacional	8,56	4,73

Fonte: Censo Demográfico, IBGE (1991). *O número entre parênteses indica a colocação do Estado no ranking dos “sem religião”.

No Rio Grande do Sul, região de colonização alemã, ocorre uma forte presença do luteranismo, desempenhando ele próprio - juntamente com o catolicismo - o papel de religião tradicional. Esse ainda é o único estado em que os evangélicos pentecostais não ultrapassaram os históricos em número de membros. Assim, com o desenvolvimento do pentecostalismo nessa região e a conseqüente ruptura da tradição luterana estará formado o quadro que provavelmente permitirá um maior desenvolvimento dos “sem religião”.

O “ruim” desempenho do estado no que se refere aos “sem religião” parece confirmar a relação entre o pluralismo religioso - que no caso brasileiro é alavancado pelo crescimento evangélico - e o processo de secularização. Relação central que deve figurar na reflexão contemporânea da sociologia da religião, onde, como salienta Pierucci, devemos “entender o processo de secu-

larização como a passagem de uma situação de monopólio-ou-hegemonia de uma única religião para um cenário diversificado de pluralismo religioso plenamente aceito e definitivamente instalado”.⁵¹

Conclusão

A situação descrita neste texto aponta a existência do que denominamos como uma Nova Era evangélica, também tratamos da relação entre o crescimento evangélico (pluralismo religioso) e a intensificação do processo de secularização no Brasil. Esses três elementos se unem ao considerarmos o que denominei - a partir de José Bandeira da Silveira (1996) - em outro trabalho de uma “religiosidade de uma sociedade de comunicação”, que possui como conseqüências de um pesado investimento na mídia a transformação dos fiéis em “consumidores, que usam da religião enquanto lhes é útil. No momento em que isto não mais ocorrer, simplesmente saem à busca de novas opções no disputado mercado religioso”.⁵² Religiosidade formada dentro dessa realidade pluralista em decorrência do processo de racionalização⁵³ e que foi apontada por Reginaldo Prandi como “religião paga”, servindo como referência para a teoria da secularização:

51 PIERUCCI, Reencantamento e dessecularização, p. 116. Em seu estudo sobre modernização e religião na América Latina Christian Parker caminha nesse sentido: “Em termos tendências podemos dizer que a um maior impacto de um processo de urbanização periférico, desigual e heterogêneo, corresponde uma menor pressão para manter os laços com a religião católica majoritária, um maior pluralismo religioso e ideológico. Aumentam os protestantes, outras religiões e os não-crentes. Em todo caso, os dados consignados nos levam a estabelecer, a título de hipótese, que o processo ‘secularizado’ provocado pela urbanização periférica envolve uma transformação do campo religioso, quebrando o monopólio do catolicismo e introduzindo novas opções religiosas” (Cf. Christian PARKER, *Religião popular e modernização capitalista*, p.92.)

52 FONSECA, *Evangélicos e Mídia no Brasil*, p. 213. Poderíamos pensar, *mutatis mutandis*, com Luiz Inácio GAIGER, *Entre as razões de crer e a crença na razão*, p. 123 ss, quando trata do processo de secularização entre militantes católicos do Movimento dos Sem-Terra (MST). Gaiger aponta uma relação “puramente instrumental” com a religião, utilizada enquanto uma “religião de circunstância” que serviu como “elemento de impulso” nas práticas do MST. Essa capacidade mobilizadora do religioso também foi encontrada por Regina NOVAES, *Os Escolhidos de Deus*, ao estudar o pentecostalismo. É nessa relação “puramente instrumental” com a religião que Gaiger identifica o espaço para o avanço da secularização. Não é exatamente essa a relação que o neopentecostalismo e sua “teologia da prosperidade” estabelece com seus fiéis? (Cf. FONSECA, *Evangélicos e Mídia no Brasil*, p. 143.)

53 Peter BERGER, *O Dossel Sagrado*, p. 149 ss.

Se enganam os que imaginam que vivemos um momento de grande reflorescimento religioso, que nega a secularização e leva a sociedade, de novo, a entregar os pontos para o sagrado. A velha religião como fonte de transcendência para a sociedade como um todo foi estilhaçada, perdeu toda a utilidade. A religião que tomou o seu lugar é uma religião para causas localizadas, reparos específicos.⁵⁴

A religião passa a ser motivo de “escolha”, “preferência”, marca de uma sociedade moderna, que fragmentada e pluralizada abre espaço para a dúvida e para a concorrência. Se dentro de uma sociedade só há um sistema de crenças, ele se torna um fato, “realidade”. No momento que são introduzidas opções, onde a pluralização permite opiniões divergentes e complementares, a religiosidade tradicional deixa de ser um fato e se torna mais uma crença, entre as várias disponíveis, podendo mais cedo ou mais tarde ser questionada.⁵⁵ Identificamos como esse o momento da sociedade brasileira. Até recentemente o catolicismo era a única forma religiosa realmente acessível a todo o conjunto da população, o que com a intensificação de nossa sociedade complexa foi se modificando no decorrer desse século. Passamos a experimentar uma efetiva diversidade religiosa que abre espaços para dúvidas e trânsitos. Inclusive permitindo que pessoas se percebam como passíveis de “não terem religião”.

Algumas igrejas (de um amplo espectro de denominações) passaram a adotar um modelo religioso baseado em trocas e fundamentado em marcos de uma Nova Era Evangélica: a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva. Igrejas que se tomaram meios, instrumentos, para que desejos sejam alcançados. Da mesma forma que tomamos aspirina para uma dor de cabeça pode-se ir a igreja para resolver problemas variados. O que muitos parecem não perceber é que com o tempo o “remédio” pode perder o efeito e a pessoa sai em busca de outras opções. Enquanto “dá certo”, funciona, participa-se. No momento em que não há mais resultados muda-se de igreja local, denominação, religião ou decide-se não mais ter religião. Se é fato que esse modelo é útil para atrair pessoas, também é que ele é inviável para mantê-las.

Estariam, portanto, os evangélicos experimentando um crescimento que seria ele próprio, paradoxalmente, responsável pela

54 PIERLUCCI, PRANDI, *A realidade social...*, p. 273.

55 BRUCE, *Religion in the Modern World*, p. 45.

diminuição a médio e longo prazo do religioso em nossa sociedade? Parece-nos que sim, de um lado pelos motivos que nos apontam os estudos que relacionam o processo de secularização com o pluralismo religioso e, por outro lado, pela adoção pelos evangélicos de uma religião que se configura a partir de valores mais ligados à magia do que a um comportamento ético. Uma religiosidade consonante com um mundo des-divinizado, que prescinde até mesmo do uso da própria palavra *religião* e que tem na Nova Era e na sua centralidade do eu sua principal marca.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Leila. As implicações éticas dos sentidos Nova Era de Comunidade. *Religião e Sociedade*, v. 17, n. 1-2, p. 54-75, 1996.
- AMORESE, Rubem (ed.) *A Igreja Evangélica na virada do Milênio: A Missão da Igreja num País em Crise*. Brasília: Comunicarte/AEVB, 1995.
- ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BANDEIRA DA SILVEIRA, José Paulo. A cultura política da Comunicação. *Revista de Cultura Vozes*, n. 4, p. 3-19, jul. 1996.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRUCE, Steve. *Religion in the Modern World: from cathedrals to cults*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- CAMARGO, Cândido Procópio. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *"Teatro", "Templo" e "Mercado": Uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus*. São Bernardo do Campo, 1996. Doutorado (Tese) - UMESP.
- CHANDLER, Russel. *Compreendendo a Nova Era*. São Paulo: Bom Pastor, 1993.
- DYE, Colin. *Edificando uma Igreja Contextualizada*. São Paulo: Renascer, 1993.
- FERNANDES, Rubem César. *Censo Institucional Evangélico, primeiras anotações*. Rio de Janeiro: ISER, 1992.
- _____. Governo das almas: as denominações evangélicas no Grande Rio. In: VV. AA. *Nem Anjos nem Demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 163-203.
- FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro, 1997. Mestrado (Dissertação) - PPGAS/IFCS/UFRJ.
- GAIGER, Luiz Inácio. Entre as razões de crer e a crença na razão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 27, 1995.

- GÓMEZ, Jorge. *El Crecimiento y la Deserción en la iglesia evangélica costarricense*. San José: IINDEF, 1996.
- HEELAS, Paul. A Nova Era no contexto cultural. *Religião e Sociedade*, v. 17, n. 1-2, p.16-33, 1996.
- HERIOT, Jean. El estudio de la Nueva Era en los Estados Unidos: Problemas e definiciones. In: FRIGERIO, Alejandro, CAROZZI, Maria (orgs.). *El estudio científico de la religión a fines del siglo XX* Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994. p. 55-86.
- ISER. *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política*. Rio de Janeiro: ISER, 1996.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. São Paulo, 1995. Mestrado (Dissertação) - PPGS/FFLCH/USP.
- MARIZ, Cecília. *Religion and coping with poverty in Brazil*. PhD Dissertation. Boston: Boston University, 1989.
- MEYER, Donald. *The Positive Thinkers: popular religious psychology from Mary Baker Eddy to Norman Vincent Peale and Ronald Reagan*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1988.
- NOVAES, Regina. *Os escolhidos de Deus*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ISER, 1985.
- PARKER, Christian. *Religião popular e modernização capitalista*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PIERUCCI, Antônio Flávio, PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.
- _____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 37, p. 43-73, jun. 1998.
- PIQUET CARNEIRO, Leandro, SOARES, Luiz Eduardo. Religiosidade, estrutura social e comportamento político. In: BINGEMER, Maria Clara (org.) *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.
- RIBEIRO, Lair. *Comunicação global: aumentando sua inteligência inter-pessoal*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- SANCHIS, Pierre. Pra não dizer que não falei de sincretismo. *Comunicações do ISER*, n.45, p. 4-11, 1994.
- VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 11-30.

Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca
Rua Sebastião Chapp Galindo, 50/601 Bl. I
Residencial do Lago II
Londrina-PR
86061-570